

AVENÇA

Bibliot

REGENERACÃO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário — Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense — Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

PROVA REAL

A maneira como decorreram em todo o País as eleições administrativas, foi mais uma vez — nunca é demais acentuá-lo — a prova provada do interesse com que a Nação segue o Governo, com que Portugal de norte a sul disciplinada e ordeiramente obedece aos homens a quem deve a sua salvação.

Falando à imprensa dias antes das eleições, dizia o sr. dr. Albino dos Reis, ilustre Presidente da Comissão Executiva da U. N.:

«Esperemos que o acto eleitoral em si mesmo tenha grandeza e que os seus resultados políticos e administrativos sejam fecundos. E' essa a obrigação nacional na hora alta em que, por entre os destroços e fragor dos desabamentos, sob a direcção providencial de Carmona e Salazar, vamos conservando a paz do presente e, a-pesar-do egoismo inabalável e da invencível incompreensão de alguns, a obrigação de preparar a justiça e a grandeza do nosso futuro.»

Agora que o importante acto eleitoral se realizou, podemos já afirmar que em coisa nenhuma foi excedida a esperança do ilustre presidente da U. N. O País teve de facto a consciência clara do grande acto que ia realizar. Viu que através dele podia mais uma vez afirmar a sua união à volta de Salazar. Compreendeu que não devia deixar passar tão excelente oportunidade para afirmar que em Portugal se vive e se trabalha com a mais viva e produtiva disciplina.

Se fosse possível a alguém querer fazer um plebiscito para saber da opinião do País acerca do Governo e do regime implantado pela Revolução Nacional, por melhores que fossem os resultados, eles não seriam nunca superiores aos conseguidos agora com as eleições administrativas. Mostrando, da maneira que o fizemos, a nossa unidade nacional em volta de Salazar, nós soubemos ao mesmo tempo significar-lhe o nosso muito agradecimento pela obra realizada, a nossa insofismável gratidão por, no meio das amarguras da hora presente, tão triste e lancinante para todo o Mundo, nos ter conservado a tão desejada e querida paz.

As eleições administrativas foram, de facto, uma grande, uma extraordinária manifestação de fé nos destinos do Estado Novo, na obra patriótica e magnífica da Revolução Nacional. Depois desta nova e bem significativa prova de adesão a Salazar, nós sentimos que podemos olhar ainda mais confiadamente o futuro. Velando por nós, está o homem que conseguiu salvar a Pátria da ruína. A' sua volta unido e firme como uma só vontade, como um só homem, está o país inteiro.

Amizade entre Portugal e a Argentina

A visita de António Ferro á Argentina fica assinalada por diversas realizações que muito irão contribuir, certamente, para o estreitamento das relações entre Portugal e a grande nação sul-americana. Fixaram-se as bases de um intercâmbio cultural, através de publicações, conferências, exposições de arte e do livro e de outras manifestações do espirito. Criar-se-ão, em Lisboa e em Buenos Aires, bibliotecas dos melhores livros argentinos e portugueses.

Nos meios intelectuais da Argentina, manifesta-se a mais viva simpatia pelo nosso país e pela obra do seu ressurgimento. A personalidade de Salazar desperta ali o maior interesse, testemunhado expressivamente no facto de uma grande casa editora querer publicar os discursos do Chefe do Governo e o livro de António Ferro com as entrevistas com o homem a quem Portugal deve a sua ressurreição e o seu prestígio em todo o mundo.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

José Pires Coelho David

Foi nomeado presidente da Câmara de Pedrogão Grande o sr. José Pires Coelho David, tesoureiro da fazenda pública aposentado e proprietário.

Ao sr. José Pires que já mais do que uma vez ocupou o lugar de Presidente da Câmara do seu concelho, não lhe faltam qualidades para bem se desempenhar do difícil cargo, estando todos certos que procurará mais uma vez ser útil à sua terra e concelho, mostrando assim que a sua escolha foi acertada.

Juntas de Freguesias

Conforme determina o Código Administrativo tomaram posse no dia 5 do corrente as Juntas de Freguesia do nosso concelho, elegeram o seu representante ao Conselho Municipal, e fizeram a distribuição dos cargos dos respectivos vogais.

Duplo Cruzeiro de Assistência

Ao cabo de um cruzeiro de mais de quatro meses, regressou há pouco a Portugal o transporte-hospital «Gil Eanes». Foi, primeiro, a longa campanha nos bancos da Terra Nova, prestando auxílio aos bachelheiros portugueses. Trabalho exaustivo, que bem se pode avaliar, pelos seguintes números: o «Gil Eanes», durante o período referido, percorreu 10.250 milhas, deu assistência a milhares de pessoas, distribuiu 3.000 e 800 encomendas enviadas de Portugal e expediu cerca de 8.000 rádios. A bordo do navio-hospital, vieram agora 14 pescadores, 7 dos quais doentes.

Terminado o seu cruzeiro através do Atlântico norte, aquêilo barco recebeu ordem para seguir para Nova Iorque, onde embarcou mil e trezentas toneladas de bacalhau.

A permanência do «Gil Eanes» naquele porto americano deu ensejo a expressivas homenagens do Governo de Washington ao nosso país. Por sua vez, a colónia portuguesa nos Estados Unidos manifestou uma vez mais, nesta ocasião, o seu património, ocorrendo a visitar o navio e testemunhando aos seus tripulantes o maior afecto. Mesmo de portos afastados, como Providence, New Bedford e Fall River, vieram compatriotas nossos, a-fim-de visitar o «Gil Eanes».

O transporte-hospital realizou deste modo uma dupla missão de assistência: aos portugueses que vão buscar o bacalhau às águas da Terra-Nova e aos portugueses que vivem e mourejam nos Estados Unidos. Foi, nos dois casos, a presença da Pátria.

O mesmo hemisfério

RECOMENDAMOS aos nossos leitores, pelo menos áquelles que possam fazê-lo, a leitura e meditação atenta do magnífico artigo do dr. Manuel Múrias, sob o título — «O hemisfério do Brasil é o mesmo de Portugal.»

Nesse artigo, extremamente oportuno e palpitante, que vem inserto num dos últimos números da *Acção* — semanário cultural e nacionalista, em que colaboram alguns dos maiores valores intelectuais de hoje — comenta-se com justo sentido a nobre atitude do Brasil assumida para conosco, contra qualquer opressão de que porventura possa ser alvo a soberania portuguesa.

Escreve a este respeito, o dr. Manuel Múrias:

— «Existe uma realidade super-nacional que abarca e abraça o Brasil, Portugal e o seu Império, dando-lhes uma unidade de espirito que nem os homens, com as suas loucuras, nem o tempo, com as suas resoluções, conseguiram aniquilar. Nenhum português, nenhum brasileiro — pode ser insensível a tudo que, de perto ou de longe, ameaça essa unidade do espirito, assente em primeiro lugar na perfeita autonomia dos territórios e das gentes que pertencem ao que poderíamos chamar o Império da língua portuguesa, o império da cultura lusobrasileira, espalhados pelas duas margens e pelo coração do Atlântico e alargando se para o Oriente, através de Moçambique, de Goa, de Macau e de Timor.»

Outro ponto importante, tocado pelo ilustre articulista, refere se à questão dos *hemisférios*, agora tanto em voga. A verdade, porém, é que, muitos séculos antes de ter sido estabelecida a ocupação do *hemisfério ocidental*, já «a terra fôra dividida em dois hemisférios, pelo direito das duas Nações que a andaram a descobrir e iriam civilizá-la» — como observa judiciosamente o ilustre director da *Acção*.

Não existe, com efeito, quer em nome do direito histórico, quer em obediência a determinações de carácter político, qualquer linha que separe a dívida Portugal do Brasil.

O Atlântico não faz mais do que aproximar os dois países irmãos até áquele ponto onde se encontra o grande imperativo espiritual que lhes é commum, exactamente como dois pavilhões do mesmo lar, apenas distanciados por certa espécie de imenso lago, totalmente ignorado do Mundo, até que o soubemos arrancar do mistério, para o oferecer á Civilização.

Mais 488 famílias felizes Edifício dos Correios

Um dos actos mais simples mas, ao mesmo tempo, mais impressionantes, com que em Lisboa, este ano, se comemorou a conquista da cidade aos mouros — foi, nas faldas da Serra de Monsanto, a inauguração de um bairro económico, o da Boavista, 488 casas alegres e saudáveis com capacidade para 2.000 moradores.

Ali ficaram habitando os que até há pouco viviam em furnas e barracas infectas, nos Sete Moiaes, na Cruz das Oliveiras, nos Fornos da Cal.

Assistiu á inauguração o Chefe

A-fim-de escolherem terreno para o novo edificio dos correios a construir nesta vila, esteve entre nós o sr. Administrador Geral dos Correios, na passada quarta-feira, que vinha acompanhado dum sr. arquiteto.

de Estado, a quem as famílias beneficiadas com o novo bairro económico souberam demonstrar calorosamente, com vibrantes aclamações, a sua gratidão pela politica social do Estado Novo.

Correspondências

Chão de Couce, 2-11-1941

Sarau de Arte — Promovido pela Associação de Cultura Recreio e Beneficência de Chão de Couce, (Cinco Vilas) realizou-se ontem na Quinta de Cima um sarau em que tomou parte o Orfeão de Chão de Couce, e um grupo dramático de Aneão.

A casa estava completamente cheia, tendo ficado muitas pessoas de pé por não terem lugares, pois foram vendidos muitos bilhetes além da lotação. Assistiram pessoas dos concelhos vizinhos como de Figueiró dos Vinhos, Penela, Alvaiázere e Pombal, assim como de Coimbra e algumas que vieram propositadamente de Lisboa.

O programa agradou no seu conjunto, mas especialmente o do Orfeão, que continua o seu caminho de glória.

Feira mensal no 3.º Domingo de cada mês — Realizou-se no

passado dia 19 de Outubro a restauração da feira mensal que se inaugurou nesta Vila em 1909 e que por diversos factores foi enfraquecendo, até que desapareceu por completo, não se realizando já há bastantes anos, tendo com a sua extinção desaparecido uma das grandes aspirações do povo desta freguesia. Havia no entanto um grupo de grandes amigos da sua terra que se alimentando a esperança de que a sua feira havia de ser mais tarde ou mais cedo restaurada e, assim, esse grupo ajudado pela boa vontade do povo de toda a freguesia, tendo à frente como presidente da comissão o sr. Alfredo Hermilho da Silva, proprietário e capitalista desta vila, rapaz de grande empreendimento, trabalhador incansável e sobretudo um bairrista sem igual, levou a efeito a primeira etapa dessa esperança, promovendo a restauração da sua feira no 3.º domingo de Outubro próximo passado.

Esse dia de feira ficou recordado por todos, pois que foram numerosíssimas as transacções tanto em gados, como em fazendas, curivesaria, quinilharia, louças, cereais, hortaliças, aves, ovos etc, tendo todos os negociantes saído com as melhores impressões, dadas as providências que a Comissão tinha tomado para que nada faltasse, como alojamentos, pensões, madeiras para armações e dispositivo da feira, pois tudo foi disposto em lugares apropriados, dando ao local da feira, que é o grande terreno do adro, um aspecto de veras interessante.

AGRADECIMENTOS

José dos Santos Conceição, Isaura dos Santos Conceição, marido e filhas, Sofia dos Santos Conceição, Alfredo dos Santos Conceição, esposa e filhos, Sebastião dos Santos Conceição, Alvaro dos Santos Conceição, esposa e filhos, Manuel dos Santos Conceição, esposa e filhos, Artur dos Santos Conceição, esposa e filhos e José da Conceição Santos, vêm por este meio, agradecer muito sinceramente a todas as pessoas que acompanharam à última morada a sua sempre chorada esposa, mãe, sogra e avó Beatriz da Conceição.

Manuel Alves Pereira, sua esposa Preciosa Nunes Medeiros Ferreira e sua mãe Joaquina Rosa, vem por este meio cumprir o doloroso dever de agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada a sua irmã, cunhada e filha, Florinda Rosa e ainda aquelas que durante a grave enfermidade que a vitimou se interessaram pelas suas melhoras.

A todos pois o nosso profundo reconhecimento.

Avelar, 26-10-941

Já estão a ser distribuídos os programas para a próxima feira que se realiza no 3.º domingo de Novembro (dia 16) tendo a comissão a esperança de que esta seja ainda melhor do que a anterior.

Sr. Director de A Regeneração

Mui respeitosamente venho apresentar-lhe os meus cumprimentos e bem assim, à classe operária dessa Empresa.

Peço a subida fineza de me relatar no seu conceituado jornal estas linhas que seguem:

Dessejo referir-me à romaria de Nossa Senhora da Guia do Avelar, romaria que desde tempos remotos é o enlevo da mocidade.

Ranchos de todos os concelhos, compostos de lindas raparigas com os seus toques e descantes, vinham abrilhantar a romaria de Nossa Senhora da Guia de Avelar e encher de alegria todos os que os aguardavam. Era um delírio que hoje deixa saudades.

Atraía ao Avelar muito povo que enchia os cofres de Nossa Senhora com as suas ofertas.

A romaria deste ano foi concorrida, graças ao sr. Padre Manuel, pároco do Avelar, que não se poupou a procurar dar o maior brilho possível aos festejos.

Tive ocasião de apreciar, a imponente procissão das velas, como doutra não tenho conhecimento, a não ser a da Rainha Santa.

O sermão proferido das grades do Hospital, pelo orador sagrado sr. Padre Antonio Inglez, de Figueiró dos Vinhos, deixou bem acentado no íntimo do auditório a sua ciência e o seu saber.

No sábado, em frente do templo e ao recolher da procissão, o mesmo orador proferiu outro sermão que comoveu todos que o escutaram. O adensar, o ajeus de stúdada à Virgem Senhora da Guia. Só se viam olhos cheios de lágrimas de comoção.

Aqui deixo relatado nas páginas deste jornal, a expressão sincera dos meus parabens, ao ilustre orador, sr. Padre António Inglez.

Rapoula, 25 de Setembro de 1941

Domingos Mendes Rosa

A carta topográfica na guerra

por Major S. Rêgo

A acção das tropas é conduzida de acordo com o estudo minucioso do terreno cujas condições topográficas são de incalculável valor para o seu desenvolvimento. O principal colaborador desta táctica é a carta — esses mapas sobre os quais se debruçam constantemente os grandes chefes de guerra.

Os planos e as cartas topográficas são auxiliares imprescindíveis que permitem a um moderno chefe de operações seguir a cada instante a posição das tropas e do inimigo e tomar as decisões convenientes.

Não é só o «Estado Maior» que utiliza estes elementos. Elas acompanham os exércitos: são também necessários à divisão, ao regimento, ao batalhão e até mesmo para os chefes de destacamentos de assalto e estafetas. São elas que habilitam o artilheiro a ter um conhecimento exacto das posições das baterias inimigas. Para fixar a marcha do seu carro de assalto o respectivo chefe possui também cartas topográficas da mesma forma que o engenheiro delas se utiliza orientando-se sobre os pontos onde é necessário construir e destruir barragens, levantar obstáculos e lançar pontes. E' por meio da carta que o telegrafista determina o terreno mais adequado para desenvolver a rede de comunicações e a cavalaria não pode efectuar qualquer acção ofensiva sem conhecer o terreno que tem de pisar.

Reconhecida a eficácia admirável das cartas e o seu papel de suma importância, tornou-se essencial a sua leitura, o seu estudo na instrução do exército alemão.

Doutra maneira também se não poderia conceber a rápida e eficaz acção das tropas alemãs na Polónia, Noruega, Holanda, na França e na Bélgica. Cada soldado instruído deve conhecer os elementos fundamentais para a leitura duma carta, diferentes escalas, curvas de nível, pontos trigonométricos, etc.

Neste domínio desempenham missão importantíssima não só os minuciosos cartógrafos mas também os aviadores de reconhecimento que fixam os objectivos, as elevações do terreno, as posições das baterias, os centros industriais, numa palavra, o que é indispensável à elaboração da carta.

As cartas topográficas empregadas actualmente são de maneira geral estabelecidas na escala de 1:100.000, mas existem também cartas que permitem um aspecto muito mais preciso e um exame mais minucioso.

Certos regimentos de artilharia possuem mesmo um grupo motorizado de recolher elementos para a elaboração das cartas.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa recopilação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Augusto José, Beira
- Joaquim Fernandes, Aldeia das Freiras
- José Marques, Portela — Areaga
- António Joaquim Agria, Bairrão

A PESTE SUINA

Esta doença dos porcos grassa com grande intensidade na comarca de Figueiró dos Vinhos e nas regiões vizinhas. Contudo, graças aos esforços do sr. dr. João Leal da Silva Tendeiro, médico veterinário do nosso concelho, que vacinou contra a peste suína e o mal rubro grande número de suínos, o flagelo não se fez sentir, a não ser em animais não vacinados ou apenas vacinados contra um dos males; enquanto nos concelhos vizinhos a mortalidade atinge cifras consideráveis. Aqui os prejuízos são insignificantes, e resumem-se a alguns animais que não foram vacinados em seu devido tempo. Sabendo nós a notável influência que a criação e engorda de suínos tem na economia dos povos da região, não podemos deixar de nos congratular pela feliz acção desenvolvida neste sentido.

A epizootia fez-se sentir com bastante violência nos concelhos de Castanheira de Pera e Pedrógão Grande. A falta de noção de profilaxia fez com que se não usasse de início o único meio de prevenir a doença — a vacina. Houve alguns lugares que ficaram reduzidos a um mínimo insignificante de porcos; levou-se alguns pontos a falta de escrúpulos ao facto de se usarem na alimentação a carne de porcos doentes, abatidos à pressa, com menosprezo de todos os perigos inerentes da ingestão de carnes infectadas e febris; e, para culminar este edificio desastroso, tem-se especulado com o preço dos suínos, por vezes com um impudor escandaloso.

Uma vez declarada a epizootia, só uma acção enérgica a podia debelar. Depois de verificarmos a diferença entre as suas terras e Figueiró, as populações dos lugares de Castanheira de Pera e Pedrógão Grande recorreram ao ex.º médico-veterinário; ainda que os resultados estejam sujeitos ao perigo de se actuar em plena epizootia, têm-se feito ultimamente numerosas imunizações naqueles concelhos, em especial nas respectivas sedes e nos lugares do Troviscal, Esconhais, Balsa, Sarzadas de S. Pedro, Poibraes, Lameiras, Vila Faveia, Aldeia das Freiras, Mó e Casalinho, com resultados demonstrativos.

E' bom não esquecer que os animais atacados dificilmente se salvam, e que aqui tem inteiro cabimento o provérbio «mais vale prevenir que remediar». O feliz exemplo de Figueiró dos Vinhos, livre da doença numa região fortemente atacada, é bem uma demonstração da eficácia da vacina aplicada enquanto os animais estão sãos. Depois de adocorem, pouco mais que nada se pode fazer.

ANÚNCIO COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS 2.ª publicação EDITOS DE 20 DIAS

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção correm editos de vinte dias citando quaisquer credores desconhecidos, para no prazo de dez dias findos que sejam os dos editos, contados da segunda e última publicação deste anúncio virem à execução que o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca move a Ramiro da Costa David, divorciado, residente na Varzea Redonda, por falta de pagamento de imposto de cisa no inventário por óbito de Francisca de Jesus, deduzir os seus direitos, querendo, nos termos do artigo 864.º do Código de Processo Civil. Figueiró dos Vinhos 11 de Outubro de 1941.

O Chefe da 1.ª Secção Jaime Ribeiro Suenza Verifiquei a exactidão O Juiz de direito — Themudo Machado Jornal «A Regeneração» n.º 545 de 8 de Novembro de 1941

Anúncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS 2.ª Publicação

Faz saber que no dia 13 de Novembro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido, além do abaixo indicado, os imóveis a seguir discriminados e penhorados nos autos de execução por multa e imposto de justiça que o digno Agente do Ministério Público nesta comarca move contra Ramiro da Costa David, divorciado, residente no Val das Golpas, desta comarca a saber.

O direito e acção à propriedade dos seguintes bens

1.º — Uma casa de habitação sita na Fonte do Velho, freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com António Graça, poente e norte com a estrada e sul com bens do casal. Este prédio constitui a parte urbana da prédio descrito na Conservatória do Registo predial desta comarca do livro B. sessenta e seis, a fls. 106. sob o número vinte e nove mil novecentos e noventa (29.990, e vai à praça no valor de 1.215\$00

2.º — Uma terra com eucaliptos ao Covão, limite de Castanheira de Figueiró dos Vinhos parte do nascente com Adelino Joaquim, poente com José dos Santos e outros, do norte com Manuel Faria e sul com herdeiros de António dos Santos. Este prédio acha-se descrito na Conservatória no livro B 76, a fls 107, sob o numero vinte nove mil novecentos e noventa e dois (29.992) e vai à praça no valor de 184\$80

3.º — Terreno com mato e carvalhos sito aos botareus do Carameleiro, limite do Carameleiro, freguesia de Figueiró dos Vinhos, partindo do nascente e sul com Manuel Campos, do poente e norte com Joaquim Pimenta. Este prédio acha-se descrito na Conservatória, no livro B. 76, a fls. 110. sob o numero 29.998, e vai à praça no valor de 62\$80

O usufruto destes três prédios, pertence a João Dias, viuvo da Fonte do Velho.

4.º — Uma terra de sementeira sita ao Ribeiro, limite dos Muninhos Fundeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente com o ribeiro, poente com José Simões, norte com Manuel Neves e sul com Manuel Simões de Abreu. Este prédio acha-se descrito na Conservatória no livro B. 77, a fls. 19. sob o n.º 30.214, e vai à praça no valor de 193\$00

5.º — Um talho de terra de seca ao Couto da Fonte, limite dos Muninhos Fundeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente e poente com o ribeiro, norte com António José Quintas, e sul com António Simões Quintas, descrito na Conservatória no livro B. 77, a fls. 19 v. sob o n.º 30.215, e vai à praça no valor de 325\$60

6.º — Mato na Lomba das Gralhas, limite dos Muninhos Fundeiros, freguesia de Aguda, partindo do nascente com a estrada publica, poente e norte com António Simões e sul com Manuel Bertolo, descrito na Conservatória no livro B. 77, a fls. 20, sob o n.º 30.216, e vai à praça no valor de 8\$80

7.º — Uma terra de sementeira ao Caldeirão, limite dos Muninhos Fundeiros, freguesia de Aguda, parte do nascente e norte com Antonio José Quintas,

EDITAL

O Doutor Manuel Simões Barreiros, médico-cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do concelho de Figueiró dos Vinhos:

FAZ PUBLICO QUE, segundo expressas de-
terminações recebidas
do Ex.^{mo} Governador

Civil d'este Distrito, é proibido a todo e qualquer indivíduo praticar quaisquer actos que representem abusos na alta dos preços dos géneros, que não correspondam a um efectivo agravamento do custo de produção ou dos transportes e que serão enérgicamente reprimidos todos os abusos de que se tiver conhecimento.

Mais se comunica que o preço do milho, neste Concelho de Figueiró dos Vinhos, foi fixado pelas entidades competentes em 1\$20—um escudo e vinte centavos—o quilograma.

Ao Presidente da Câmara Municipal compete, independentemente de todas as medidas repressivas que devem ser aplicadas, a necessária fiscalização, no sentido de evitar que se produzam quaisquer actos de açambarcamento, irregular distribuição de mercadorias e géneros alimentícios, o que pode prejudicar o abastecimento deste Concelho.

Quaisquer vendas a indivíduos ou estabelecimentos com sede fóra deste Concelho, e de quaisquer mercadorias ou géneros, em especial — **milho e batata** — só serão permitidos mediante autorização passada por escrito pelo Presidente da Câmara Municipal.

Dada a extensão do Concelho e por isso a impossibilidade de uma fiscalização completa por parte do funcionalismo municipal, apela-se para todos os indivíduos para que cumpram e façam cumprir o presente edital, denunciando qualquer acto por ele conlenado ao Presidente da Câmara Municipal ou a qualquer funcionário da mesma.

Para constar se lavrou o presente que vai ser afixado nos lugares mais públicos e do costume. E eu, a) *José Maria Dias de Albuquerque Saraiva*, Chefe da Secretaria desta Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 1 de Novembro de 1941.

O Presidente da Câmara,

a) *Manuel Simões Barreiros*

sul com Manuel da Ascensão e poente com Francisco Quintas, descrito na Conservatória no livro B. 77, a fls. 20 v. sob o n.º 30 217, e vai à praça no valor de 132\$20

8.º— Mato e pinheiros á Cova da Seladilha, limite dos Muni- nhos Cimeiros, freguesia de A- guda, partindo do nascente com Antonio da Silva, norte com An- tónio Simões, poente e sul com Manuel Simões, descrito na Con- servatória no livro B. 77, a fls. 20 sob o n.º 30.218, e vai à pra- ça no valor de 18\$40

Figueiró dos Vinhos, 10 de Outubro de 1941.

O chefe da 2.ª secção interino

José Brito Telhada

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 545 de 8 de Novembro de 1941

Alvaro Amorim Pinto
Advogado
Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE: tódas as se-
gundas-feiras até ao meio dia

Anuncio

Comarca de Figueiró dos Vinhos
2.ª Publicação

Faço saber que por este Juizo e sua segunda secção, correm seus termos uns autos de insolvência civil, que o Estado, representado pelo digno Agente do Ministério Público nesta comarca, instaurou contra o doutor Avelino Simões Baião e esposa D. Maria Augusta de Sousa Prado Lacerda Baião, residentes em Arega, desta mesma comarca, e que por sentença de 8 do corrente mês de Outubro, foi declarado o estado de insolvência daqueles referidos doutor Avelino Simões Baião e esposa.

Mais faz saber que foi marcado o prazo de quinze dias, contados da primeira publicação deste anuncio, no jornal local, para a reclamação de créditos, tendo sido nomeado administrador José Vasconcelos Azinhais, casado, guarda livros, residente nesta vila

Figueiró dos Vinhos, 10 de Outubro de 1941.

O Chefe interino da 2.ª secção

José Brito Telhada

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 545 de 8 de Novembro de 1941

Arrenda-se na rua Dr. José
Martinho Si-
mões, o anti-
go estabelecimento de vinhos do
falecido José Mendes do Pifaro.
Quem pretender dirija se á
sua viuva, nesta vila. 3 2

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal

Clinica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
Médico da Casa do Povo
Doenças de Pulmões — Partos
Clinica Geral
— Consultório e residência:—
Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro
Médico Veterinário Municipal
Clinica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — ás se-
gundas-feiras das 9 ás 14 horas
Em Castanheira de Pera — ás quin-
tas-feiras das 9 ás 15 horas

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede -- **FIGUEIRO DOS VINHOS** — Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Não se efectua aos Domingos

Não se efectua às segundas-feiras

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ**—R. da Palma—Tel. 21363

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª
Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Pontão - Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços - Coimbra

DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro sai de Coimbra, meia hora mais tarde. 24-3

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E
DENTES — DENTES
ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite — Cimen-
tos — Cal Hidráulica

24-11

Comissões e Consignações

ANTOLOGIA *Postais Ilustrados*

7 Romain Rolland

Assim, Cristóvão começava a exercer pela sua única presença, uma influência apaziguadora e fortificante. Por toda a parte onde passava, deixava inconscientemente um traço da sua luz interior. Era o último a dar fé disso. Havia perto dele, na casa, pessoas que ele nunca tinha visto e que, por sua vez, sem saber como, sentiam pouco a pouco a sua irradiação benfiteira. O dia extinguia-se. O dia estava já longínquo, já morto. O sol invisível sumia-se na noite. Era a hora mágica em que as alucinações estão a ponto de irromper da alma dorida pelos trabalhos do dia, imóvel, entorpecida. Tudo se cala, só se ouve o ruído das artérias. Já não há força para se mover, respira-se a custo, sente-se triste e abandonado, não há senão uma imensa necessidade de se abandonar aos braços dum amigo, implora-se o milagre, sente-se que ele vai chegar... E!-le! Uma poalha de ouro flameja no crepúsculo, resplandece na parede do pardieiro, na espádua do homem que conduz o moribundo, banha estes humildes objectos o estes seres medíocres, e tudo toma doçura.

Febre — Cristóvão sacudiu os seus pensamentos doentes, o sorriso mortífero da sereia que espreita as almas enfraquecidas. Levantou-se e tentou caminhar no quarto; mas mal se podia ter em pé. Ele tremia de febre. Devia meter-se na cama. Ele sentia que desta vez era sério; mas não desarmava; não era daqueles que, quando estão doentes se abandonam à doença; ele lutava, não queria estar doente, e sobretudo, ele tinha-se decidido absolutamente a não morrer. Tinha a pobre mãe que o esperava lá em baixo. E tinha a sua obra para fazer: não se deixaria matar. Cerrava os dentes que batiam, segurava a sua vontade que lhe escapava: tal qual, um bom nadador que continua a lutar no meio das águas que o cobrem. A todo o instante, mergulhava: eram divagações, imagens sem nexo, recordações da pátria ou dos salões parisienses; eram também observações de ritmos e de frases, que giravam indefinidamente, como cavalos de circos; o choque súbito da luz de curo do *Bon Samaritano*; figuras de pavor na sombra; e, depois, abismos, noites. Depois, vicha de novo à tona — afastava as nuvens aterradoras, crispava os punhos e as maxilas. Socorria-se de todos os que amava, no presente e no passado, à figura amiga que ele tinha entrevisto à pouco, à querida mãe e, por outro lado, ao seu ser indestrutível, que sentia como um rochedo: «a morte não morde aí... Mas o rochedo era de novo coberto pelo mar; um embate das vagas conquistava a alma de novo; ela era arrastada, enrodilhada pela espuma. E Cristóvão debatia-se no delírio, dizendo palavras insensatas, dirigindo e tocando numa orquestra imaginária: trombones, trompas, ciabalos, tímpanos, baixos e contrabaixos... arranhava, soprava, batia, com frenesi. O infeliz feria de música dispersa. Há semanas que ele não a podia ouvir já, nem tocar e estava como uma caldeira sob pressão, prestes a estalar. Certas frases obstinadas penetravam-lhe no cérebro como verrugas, perfuravam-lhe os tímpanos, faziam-no sofrer a ponte de gritar. Ao sair destas crises, tornava a cair no travesseiro, morto de fadiga, suado, amolecido, anelante, a abafar. Ti-

Borboletas voam, voam,
Pelos campos, sobre as flores...
Suas graças apregoam
Com seus trajes de mil cores.

Ora sobem, ora descem,
Em bailados que não esquecem
A quem os vir uma vez.
Ora fogem, ora voltam...
Como penas que se soltam
Uma a uma, três a três.

E lá vão por esses prados
No seu bailado veloz;
Com seus vestidos bordados
A secumilha ou a retroz.

Há sempre uma mais vaidosa
Que tem sonhos cor de rosa,
Que tem alma irrequieta.
Lá por ser das mais tafuis
Julga ter veias azuis
A tóla da borboleta!...

E num vôo mais ousado,
Deixa as suas companheiras
Para alcançar um valado
Onde noivam as roseiras.

Cascais, 1941

Um livro do momento

«História da nossa história», por J. Fontana da Silveira.

Em edição cuidada da livraria Progredior, do Porto, anuncia-se para breves dias a aparição do novo livro do nosso colaborador e amigo sr. J. Fontana da Silveira. Intitula-se «Histórias da nossa história», e está destinado a um sucesso, dado o carácter patriótico que presidiu à sua factura e ao interesse dos seus capítulos, moldados em estilo de contos amenos e atraentes.

Como essa literatura é a que melhor quadra ao momento que o nosso País atravessa, e porque constitui uma necessidade espiritual, é de prever que «Histórias da nossa história», terá um bom acolhimento da parte dos leitores que conhecem já a forma honesta e essencialmente educativa que sempre preside aos trabalhos do autor.

nha instalado perto da cama a sua bilha de água, da qual bebia geladas. Os ruídos dos quartos vizinhos que se fechavam bruscamente, faziam-no saltar. Tinha o desgosto alucinado destas seres amontoadas em redor dele. Mas a vontade lutava sempre, sofria as fanfarras bilicas, combate contra os demónios... «Und Wenn die Welt Volt Tenfel Wår, und wollte nuns Verschligen, so fürchten wir uns nicht so sehr...» («E mesmo que o mundo estivesse cheio de diabos, e que eles quisessem devorar-nos, isto não nos causaria medo...»)

E sobre o oceano de trevas incandescentes em que rolava o seu ser fazia-se súbitamente uma acalmia, clareiras de luz, um murmúrio apaziguado de violoninos e violas, tranquilos sons de glória das trompas e dos coros, enquanto que, quasi imóvel, tal qual um grande muro, se elevava da alma doente um canto inabalável como um coral de J. S. Bach.

As borboletas

E salta, para, desliza...
Qsculada pela brisa
Na volúpia dos bailados.
E presume-se feliz:
Rainha ou imperatriz
De países encantados!...

E, ébria do seu tesouro
E do perfume das rosas,
Cuida ver castelos de ouro
Num macisso de mimosas!

E logo de novo salta
Em demanda da mais alta
Num raída de acrobacia.
E, na alegria tamanha,
Não viu a teia de aranha
Que na frente se estendia...

Indo tenta a liberdade
A toda a força das azas,
Mas o fogo da vaidade
Queimou-a nas suas brazas.

Assim é na sociedade.
Quem procurar na vaidade
Os degraus para subir
Mais cedo ou mais tarde apanha
Teida a teia de aranha
Onde é forçoso cair.

Francisco Pires

AGUA MOLE

Bondade

O nosso maior e mais constante anelo não deve ser o de fugir ao quinhão de sensaborias, desgostos e prejuízos que haja de caber-nos através da existência. Toda a nosso ambição de cifrar-se em dispôr da coragem necessária para lhes fazer frente, suportando aqueles que nos não é possível desviar ou anular, mau grado os esforços que em tal sentido façamos.

Homem feliz não é pois o que não tem desgostos mas sim o que os suporta com ânimo e resignação — o que de modo algum quer dizer que sejamos passivos em face deles. Ser corajoso ainda mesmo na paciência, é dispôr de um tesouro inapreciável peculiar a todos que se podem com justiça considerar como bondosos. Homem bondoso é aquele a quem o Amor anima, levando-o a querer bem a tudo que o rodeia e a tudo que longe dele existe e tanta vez sofre precisamente por falta de tal sentimento entre os homens.

De tal maneira o Amor engrandece as pessoas que Victor Hugo não exitou em afirmar que era ditoso, ainda mesmo no meio das angústias, aquele a quem Deus dotou com uma alma digna do amor.

Bem se vê que não são nossas estas três linhas. Nós não diríamos alegoricamente que é Deus que nos dota com uma alma digna do Amor, e não o diríamos porque para nós Deus é justamente esse mais que nenhum outro nobre sentimento, que inundando-nos a alma nos aproxima, tanto quanto isso é possível, da suprema perfeição moral que a palavra designa.

Lúiz Leitão

Manuel Rodrigues

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. Manuel Rodrigues, conceituado industrial em Pedrógão Grande.

(Continúa)

Os mortos mandam AGUA VAI

Da romagem de saúde, que, em todas as férias, costume fazer ao lugar sagrado e com tanta verdade e beleza definido pelo poeta:

Este é o vale profundo, a onda escura
Onde se afogam lágrimas e risos;
E' a luz da fé cristã, da crença pura
O oriente de etérios paraizos,

para ajoelhar junto da campa dos autores dos meus dias e ao calor espiritual, que dela irradia, fundir o gelo de esquecimento que o frio da ingratidão tantas vezes solidifica na memória dos filhos desatenos, trago sempre a mesma impressão dolorosa.

De facto, pode-se ser insensível ao estado de quasi abandono em que se encontra o nosso cemitério? Pesa sobre nós, como chumbo, a necessidade de levar ali um pouco mais de ordem, asseio e, sobretudo, muitas flores.

Mas, dir-se-á, não será insensatez aproveitar a morte para satisfação do pecado da vaidade?

O cemitério um jardim!... Para quê? Faltar-nos-á, porventura, terreno mais adequado onde exercitar o gosto estético e demonstrar aos forasteiros que a beleza tem, entre nós, cultivadores dedicados?

Pelo amor de Deus não pensemos assim. Seria pôr a verdade em tortura e tirar a bússola ao sentido das coisas.

Deseja-se ordem, asseio e flores no cemitério como reflexo exterior, prova sensível de que, no mundo dos nossos sentimentos, preside esse critério e as flores do respeito e culto pelos mortos são cultivadas com zelo. E' ou não verdade que, adentro dos muros que talham no campo da Vida o rectângulo onde a Morte exerce a sua cruel e despótica soberania, estão depositados os despojos mortais de entes que, pelos prestimosos serviços de utilidade pública ou particular prestados e pelas afeições que nos dedicaram ou lhes dedicámos, exigem, não pendem a nossa veneração?

Disse mais o poeta:

Das negras cinzas nascem alvas rosas,
O sol rompe da noite o frio veu;
Assim as almas cândidas, saudosas
Soltam as asas para o azul do ceu.

Certamente não ousamos negar que as almas cândidas, que do aeródromo dos ciprestes desferem as asas brancas para as regiões etéreas, sofrem com Deus o nosso alheamento e insensibilidade perante o desleixo ali materializado.

Eu desejaría, sinceramente, poder deslocar-me, não nas asas do pensamento, mas nos veículos da realidade, com os meus contemporâneos, até Torres Vedras e, uma vez aí, prolongar o passeio à cidade do silêncio.

Estou certo de que a distribuição dos talhões, a ordenação e conservação dos jazigos, campas, e sepulturas, a sinalização destas, o asseio das ruas demarcadas por luxo sempre cuidado e a profusão de flores impressionar-nos-iam, na medida que a tristeza do lugar permitisse, agradavelmente e dar-nos-iam uma lição proveitosa.

Devo acrescentar que a Câmara de Torres mantém, permanentemente, no cemitério, além do pessoal menor (coveiros) necessário, um fiscal que acumule a administração e a secretaria. Tem o seu gabinete de trabalho no próprio cemitério.

Está nos vedado o trilho deste caminho?

Creio que não, apesar da falta de dinheiro ser tropeço de bastante peso.

Os que quiserem saber quem é o homem devem estudá-lo nas épocas da guerra. E nem é preciso ir para as linhas de combate, onde a feroçidade sobe ao máximo. Só de pensá-lo estremece o coração! Como pode ser possível que uma fileira de homens, que tem por obrigação amarem-se uns aos outros, ponham de lado tão fácil sentimento humano, trocando pela brutalidade de descarregar sobre os seus semelhantes toda a casta de armas para os matar, para os aniquilar! Nas horas do recolhimento, a sangue frio, ninguém acredita.

E' inconcebível o que as notícias dizem que se está passando na Europa.

Mas tudo dizia que a Europa era a parte do Mundo onde era maior o grau de civilização com o requinte humano do amor do próximo?

Confesso a minha ingenuidade. Esforço-me por me convencer de que são falsas as notícias que correm para não perder a ideia de que os homens, apesar dos seus desvarios, têm amor e respeito pelos seus semelhantes.

E quando, por ventura, me fico a pensar que essas notícias serão verdadeiras, esmoreço, caíndo-me o coração na mais profunda tristeza.

O homem é um ser racional, dotado por Deus com qualidades tais que, se nunca saísse do propósito de usá-las, a vida, esse grande dom da Providência, seria sempre aceitável como o complemento estimável. Para que não existissem incoerências que envergonham, inteiramente inexplicáveis? Porque é que um homem de temperamento anormal, por mal tratar outrem fica incurso em castigos, por vezes, de grande rigor, ao passo que se esse mesmo homem fór metido numa linha de combate, se matar muitos passa a ser um herói?! Terrível aberração humana!

Oxalá que a misericórdia de Deus tenha compaixão de nós e que tudo seja disposto por forma que sem demora acabem os males da humanidade.

João de Cima

Um pouco mais de esforço e boa vontade bastam para desviá-lo e desobstruir a passagem.

A marcha poder-se-ia iniciar pela construção do edificio da morgue de necessidade, creio, premente, e prolongamento da canalização das águas e da rede electrica da iluminação pública até ao cemitério.

O coveiro passaria a dedicar-se exclusivamente ao seu serviço, dispensando-se de exercer, como agora, qualquer função.

E o dinheiro? Suponho que as funções de fiscal podiam com grande economia, ser exercidas pelo zelo, dedicação e desinteresse do vereador do respectivo pelouro.

Portanto, se as tabelas em uso, no nosso cemitério fôsem as mesmas dos de igual categoria e a administração exemplar, talvez a receita bastasse para cobrir a despesa. No caso de serem inferiores, deviam actualizar-se.

Todavia, os nossos votos mais sinceros iriam para que a receita fosse, na impossibilidade de ser nula, minima, indo buscar a diferença a outras fontes.

Quando os mortos mandam, os vivos podem desobedecer?

Chavelho, Setembro de 1941.

José Rodrigues Dias